

Inteligência emocional e personalidade avaliada pelo Método de Rorschach

Monalisa Muniz
Ricardo Primi

Universidade São Francisco

RESUMO

Inteligência emocional é um construto que vem sendo pesquisado desde 1990 e sempre rodeado de muitas críticas quanto a sua existência. Uma dessas críticas levanta a questão se a inteligência emocional é de fato um novo construto ou por outro lado um novo nome para traços já estudados nas teorias da personalidade. Partindo desse questionamento o objetivo deste estudo foi investigar as relações entre esse construto e medidas de personalidade. Participaram do estudo 80 policiais do Estado de São Paulo. Para isso, foram utilizados os seguintes instrumentos: *Mayer-Salovey-Caruso Emotional Intelligence Test* (MSCEIT) e o Método das Manchas de Tinta de Rorschach para avaliar traços característicos de funcionamento da personalidade. Os resultados indicaram que inteligência emocional e personalidade apresentam pouquíssimas correlações, sendo todas baixas e relacionadas por conteúdos emocionais existentes nas variáveis que se associaram. Os dados sustentam evidências positivas de validade divergente para o MSCEIT.

Palavras-chave: Avaliação da inteligência; avaliação forense; validade; avaliação da personalidade.

ABSTRACT

Emotional intelligence and personality assessed by the Rorschach Inkblot Technique

The construct emotional intelligence (EI) has been investigated since 1990 and is surrounded by criticism questioning its existence. One of them raises a question if EI is in fact a new construct or a new label for well researched personality traits. This study investigated the correlations between EI and personality measures looking for whether this two measures approached convergence. Participants were 80 Sao Paulo state police officers) who answered the Mayer-Salovey-Caruso Emotional Intelligence Test (MSCEIT) and the Rorschach Inkblot Technique that is a measure of personality functioning. Few significant correlations were found which were in general of low magnitudes indicating that EI and personality characteristics measured by Rorschach are different things. The correlations that were found were associated with the emotional content which is a principle underlying the correlated variables. Data supports divergent validity for the MSCEIT.

Keywords: Intelligence assessment; forensic psychology; validity; personality assesment.

Inteligência emocional é um termo recente que surgiu em 1990 em um artigo científico, publicado pelos pesquisadores e criadores deste suposto novo construto, John D. Mayer e Peter Salovey. Ao longo desses anos, o termo inteligência emocional foi definido e redefinido inúmeras vezes, tendo seu significado empregado em duas tendências: (a) inteligência emocional como traço de personalidade, considerada uma característica importante para obtenção de sucesso na vida e (b) inteligência emocional como capacidade *mental*, que diz respeito ao processamento de informações emocionais, que é a definição mais comumente adotada na literatura científica (Mayer, Salovey e Caruso, 2002a).

Inteligência emocional define-se como: “a capacidade de perceber emoções, a capacidade de acessar e gerar emoções de tal forma a ajudar os processos de pensamento, a capacidade de compreender a emoção e o conhecimento emocional, e a capacidade de regular as emoções para promover o crescimento emocional e intelectual” (Mayer, Salovey e Caruso, 2002a, p.17). Essa conceituação baseia-se na idéia de que as emoções contêm informações sobre relacionamentos do organismo com o meio, e a inteligência emocional associa-se à capacidade de reconhecer os significados dessas emoções e dos relacionamentos, raciocinar sobre eles e utilizar essa informação para orientar as ações de adaptação ao meio (Mayer e Salovey, 1999).

Como colocado na definição, a inteligência emocional é dividida em quatro subcapacidades, quais sejam, a primeira é percepção, avaliação e expressão da emoção, a segunda refere-se a emoção como facilitadora do pensamento, a terceira diz respeito a compreensão e análise das emoções e por fim, a quarta é identificada como o controle reflexivo das emoções. Nos próximos quatro parágrafos essas subcapacidades serão melhores detalhadas.

A primeira subcapacidade, percepção, avaliação e expressão da emoção refere-se à acuracidade na identificação de emoções e conteúdo emocional em si próprio, em outras pessoas e em figuras ou objetos, bem como à capacidade de expressar sentimentos de forma adequada e clara. Também está associada à acuracidade em identificar a expressão falsa ou manipulada dos sentimentos, ou seja, a capacidade que o indivíduo possui de perceber se o outro está mentindo sobre o sentimento que está expressando (Mayer e Salovey, 1999).

A emoção como *facilitadora do pensamento* é a segunda subcapacidade e diz respeito à atuação da emoção nos processos cognitivos superiores ligados ao raciocínio, auxiliando na resolução de problemas, como um sistema de alerta sobre os eventos importantes na pessoa e no ambiente. Essa faceta diz respeito também à capacidade de acessar, gerar e examinar as emoções de tal forma a ajudar os processos de pensamento e conseqüentemente ajudar o indivíduo a tomar decisões. A atuação das emoções no pensamento faz com que as pessoas considerem perspectivas múltiplas e compreendam que os tipos de emoções facilitam diversos trabalhos e formas de raciocínio (Mayer e Salovey, 1999).

Já a terceira subcategoria, compreensão e análise das emoções, refere-se à compreensão e ao uso do conhecimento emocional, que é crescente ao longo da vida pelo maior entendimento dos significados emocionais. Diz respeito à compreensão de emoções complexas e contraditórias, da transição de sentimentos e a sua relação com as situações interpessoais. Portanto, tal conhecimento é muito importante para a adaptação (Mayer e Salovey, 1999).

Por fim a quarta subcategoria que é nomeada como o controle reflexivo das emoções refere-se à capacidade de controle e regulação das reações emocionais. Isso pressupõe a tolerância às experiências emocionais mais intensas e o conhecimento e emprego efetivo de estratégias de alterações desses sentimentos. Com o tempo, o ser humano aprende a refletir sobre as emoções positivas e negativas, fazendo delas uma ferramenta para o raciocínio caso sejam úteis. Também começam a entender as reações emocionais, avaliando-as, controlando-as e compreendendo-as. (Mayer e Salovey, 1999).

Desde o momento que inteligência emocional foi referida no mundo científico, muitos trabalhos já foram realizados buscando compreender e esclarecer se ela realmente é um novo construto, se atende aos requisitos que determinada inteligência requer para ser considerada como tal, se ela difere de traços de personalidade e, por fim, para que contribui para a vida em geral do ser humano. Os resultados encontrados são contraditórios. Alguns sustentam que a inteligência emocional é um novo construto, que é um tipo de inteligência e difere da personalidade, consistindo em uma capacidade importante que possibilita aos indivíduos lidarem melhor e de maneira adaptativa com suas emoções, fazendo com que obtenham maior sucesso em diversas áreas da vida, tais como a pessoal, a profissional e a educacional. No entanto, outras pesquisas apresentam indícios que contestam a existência da inteligência emocional.

A grande maioria das pesquisas com inteligência emocional, além de explorar sua veracidade em ser um novo tipo de inteligência, procura investigar se este construto não é apenas um novo rótulo para traços muito estudados em pesquisas com personalidade (Bedwell, s.d; Brackett e Mayer, 2003; Bueno, 2002; Cobêro, Primi e Muniz, 2006; Dantas, 2004; Davies, Stankov e Roberts, 1998; Jesus, Jr., 2004; Lopes, Brackett, Nezlek, Schutz e Salovey, 2004; Mayer, Salovey, Caruso e Sitarênios, 2001; Mayer, Salovey, Caruso e Sitarênios, 2003; Roberts, Zeidner e Matthews, 2001 e Primi, Bueno e Muniz, 2006). Essa preocupação em explorar a inteligência emocional para ver se é inteligência ou personalidade decorre em função às críticas de pesquisadores que contestam a existência do construto inteligência emocional e também de resultados de pesquisas que não sustentavam a existência desse novo construto.

Os estudos que sugerem a fragilidade da inteligência emocional estão, na sua maioria, embasados em testes de auto-relato da inteligência emocional. Esse tipo de instrumento é mais adequado para mensurar traços de personalidade e não a capacidade dos indivíduos, pois investigam a descrição que as pessoas fazem de si mesmas e não sua capacidade de resolução de problemas. Para se avaliar as capacidades, são necessários testes de *desempenho máximo* em que o indivíduo mostra realmente o que sabe, e não o que ele pensa que sabe como acontece nos testes de auto-relato. O *Mayer-Salovey-Caruso Emotional Intelligence Test* (MSCEIT) é um teste concebido para mensurar a inteligência emocional entendida como uma capacidade cognitiva, isto é, avalia as pessoas com tarefas de desempenho máximo, e não tarefas de auto-relato. Teste de desempenho máximo é sinônimo de teste de capacidade, no qual é requerido do indivíduo que

consiga o melhor desempenho que puder (Cronbach, 1996).

O MSCEIT é mais adequado para a avaliação da inteligência emocional, e no meio científico, até mesmo aqueles com opiniões contrárias à inteligência emocional, admitem que esse teste possa demonstrar resultados mais positivos. Entretanto, pelo fato de o MSCEIT ter surgido em 2003, as pesquisas ainda são escassas, o que justifica a necessidade de um maior número de estudos.

A investigação da relação entre traços de personalidade e inteligência emocional quando avaliada pelo MSCEIT, tem demonstrado que há algumas associações entre esses dois construtos, mas não uma sobreposição (Bedwell, s.d; Brackett e Mayer, 2003; Dantas, 2004 e Primi, Bueno e Muniz, 2006). Com o intuito de explorar ainda mais essa questão, o presente trabalho tem a finalidade de estudar as correlações entre inteligência emocional utilizando o MSCEIT e medidas de personalidade por meio do método de Rorschach.

Não existe uma definição unânime de personalidade. O conceito aplicado depende da preferência teórica assumida pelo observador. Uma teoria define a forma de coletar e sistematizar descobertas, sugerindo quais direções de pesquisas são mais proveitosas e contribuem para unir as informações existentes sobre determinado construto, sinalizando também como obter novas descobertas. A finalidade das teorias é estudar o indivíduo intensamente, procurando saber o que eles são, como se tornaram de uma determinada forma e porque se comportam de certa maneira (Pervin e John, 2004).

Para Pervin e John (2004), “a personalidade representa aquelas características da pessoa que explicam padrões consistentes de sentimentos, pensamentos e comportamentos” (p. 23). Lopes et al. (2004) dizem que a diferença entre personalidade e inteligência emocional é justamente esta: o primeiro construto enfatiza os padrões estilísticos de comportamento, enquanto o segundo construto diz respeito às capacidades adquiridas que auxiliam as pessoas a regularem suas emoções e a administrar suas interações sociais. Então, capacidade e padrões consistentes da personalidade fornecem distintas e complementares perspectivas para a compreensão social e a adaptação social.

Embora um traço de personalidade como extroversão dependa de uma habilidade social ou resultar nisto, um traço é uma preferência comportamental mais do que uma capacidade. Saber identificar o que o outro está sentindo, que é uma das capacidades concebidas pela inteligência emocional, é fundamentalmente uma capacidade mental. Tal conhecimento pode originar-se da inteligência geral. Isso difere de preferên-

cias comportamentais, porque a inteligência emocional pode ser mais bem qualificada como uma inteligência envolvendo uma série de capacidades mentais (Mayer e Salovey, 1993).

As definições de Lopes et al. (2004) e Mayer e Salovey (1993) mostram os dois conceitos, inteligência emocional e personalidade, como construtos distintos, um interagindo com o outro para que ocorra o comportamento observado do indivíduo no meio em que vive. Esse dado parece explicar, em parte, as correlações entre inteligência emocional e personalidade, apontadas em alguns estudos, já mencionados. No entanto, algumas pesquisas indicam correlações moderadas, sugerindo uma sobreposição desses construtos.

Brackett e Mayer (2003) concluíram que existem dois modelos gerais da inteligência emocional, um referindo-se às capacidades mentais, representado pelo teste do MSCEIT, e o outro modelo misto referindo-se aos testes de auto-relato que se sobrepõem com medidas já existentes da personalidade e bem-estar psicológico atribuídas, como o Inventário do Quociente Emocional – EQ-i (Bar-On, 1997) e o Teste de Auto-Relato da Inteligência Emocional - SREIT (Schutte et al, 1998). Tais testes são vistos como parte dos modelos mistos de inteligência emocional, pois apresentam alternativas que não incluem apenas emoção e inteligência, mas também variáveis ligadas à motivação, disposição, funcionamento pessoal, social e traços (Mayer, Caruso e Salovey, 1999).

Ressalta-se que não há estudos efetuados correlacionando inteligência emocional e características de personalidade avaliadas pelo Rorschach. Aliás, esse é o primeiro estudo que investiga inteligência emocional com alguma técnica projetiva, pois os trabalhos encontrados mostram apenas essa relação com testes de personalidade firmados em auto-relato, como o Big Five (Costa e McCrae, 1992) e o Questionário de Dezesesseis Fatores da Personalidade – 16PF (R. B. Cattell, A. K. S. Cattell e H. E. P. Cattell, 1993).

Em razão do extenso número de variáveis obtidas no Rorschach, elencou-se aquelas com maior potencial de associação com as capacidades da inteligência emocional avaliadas no MSCEIT. As variáveis selecionadas foram as seguintes:

- *EB Extratensivo*: oferece informações sobre como as emoções influem em algumas operações psicológicas dos indivíduos, mesclando sentimentos e processos cognitivos na resolução de problemas ou tomada de decisão. O EB extratensivo revela um estilo mais emocional; de mistura dos afetos com o pensamento durante suas atividades de resolução de problemas, opiniões influenciadas pela informação externa procedente de sua atividade de ensaio e erro, ou

- seja, a interação com o exterior como fonte de informação ou de gratificação (Exner e Sendín, 1998).
- *EB Introversivo*: indica o estilo de resolução de problemas ou tomada de decisões com pouca atenção ao processamento emocional junto ao pensamento. O EB introversivo sugere um indivíduo basicamente ideacional, que prefere habitualmente demorar em tomar decisões até poder considerar todas as alternativas possíveis; pessoas que mantêm as emoções à margem na solução de problemas; que formulam suas opiniões baseando-se, principalmente, em sua avaliação interna e não utilizam sistema de ensaio e erro na procura de soluções (Exner e Sendín, 1998).
 - *Cor Acromática (FC', C'F e C')*: representa uma forma de constrição afetiva, um freio à expressão emocional, é uma operação não deliberadamente iniciada, sendo involuntária e automática. O indivíduo que apresenta essa variável aumentada tende a não externalizar seus afetos, interiorizando-os e provocando um mal-estar interno. Como já dito, é uma operação não deliberada, ou seja, não é uma opção voluntária de se calar que, em algumas situações, poderia ser adaptativo (Exner e Sendín, 1998).
 - *Modulação afetiva (FC > CF + C)*: é um indicador do grau de modulação das descargas e trocas emocionais. É uma fórmula composta pela variável cor que indica emoções e a variável forma que representa a interferência de processos mais cognitivos. O FC refere-se a uma forma mais controlada e dirigida das emoções por meio dos elementos cognitivos. O CF indica uma conduta mais mediada pelas emoções, o controle cognitivo não é intenso e a descarga emocional é menos controlada. O C é a variável que não apresenta nenhum tipo de controle cognitivo sobre as emoções, a descarga afetiva é brusca e não modulada. Espera-se que em adultos o FC seja maior que o CF + C, já nas crianças essa proporção é ao contrário, pois possuem comportamentos mais impulsivos (Exner e Sendín, 1998).
 - *Quociente Afetivo (Afr)*: essa variável compara o número de respostas nas pranchas coloridas com as respostas nas pranchas acromáticas, indicando uma reatividade às pranchas coloridas e conseqüentemente uma responsividade do indivíduo aos estímulos emocionais. Indivíduos com Afr aumentada tendem a produzir mais e atraem-se por situações com intensa afetividade; no entanto, essas pessoas também são predispostas a não controlarem suas emoções. Já o Afr baixo indica uma preferência do indivíduo a não se envolver com situações emocionais, são pessoas com maior propensão a isolamento social (Exner e Sendín, 1998).
 - *Índice de déficit relacional (CDI)*: representa a dificuldade do indivíduo em enfrentar com eficiência as demandas comuns do ambiente social, sugere um déficit relacional. O CDI aumentado sugere um indivíduo desinteressado nas pessoas, com inaptidão para situações emocionais, sendo estas mais superficiais, sem vínculo afetivo. Conseqüentemente esses indivíduos são pouco aceitos pelos outros (Exner e Sendín, 1998).
 - *Sombreado Difuso (FY, YF e Y)*: está relacionada às reações do indivíduo diante de situações externas de mal estar com um aumento de tensão, inundando-se de emoções paralisadoras e bloqueando a capacidade de ação, sentimento de desamparo e intenso desconforto emocional (Exner e Sendín, 1998).
 - *Movimento inanimado (m)*: é o correlato de Y, mas no nível ideacional, representando vivência de intenso desconforto provocado por determinada situação. Tem como uma de suas características a atividade cognitiva não deliberada. As variáveis m e Y são as mais instáveis dos protocolos do Rorschach, porque elas aparecem e desaparecem em função das situações externas estressoras (Exner e Sendín, 1998).
 - *Controle e tolerância ao estresse – Índices D e D ajustado*: representam respectivamente o controle e a tolerância ao estresse que o indivíduo possui na atualidade e a capacidade de controle rotineira e habitual. No D ajustado, o cálculo é feito eliminando fatores de sobrecarga situacional, indicados pelas variáveis m e Y, ou seja, verifica-se a capacidade do indivíduo para manter o controle e saber lidar com situações em condições habituais (Exner e Sendín, 1998).
- As variáveis do Rorschach citadas sugerem certa correlação com inteligência emocional, porque pressupõem a interação entre cognição e emoção, seja de maneira adequada ou inadequada. Então, espera-se que ocorra correlação positiva baixa da inteligência emocional com EB extratensivo, Índices D e D ajustado e a fórmula $FC > CF + C$ e Afr quociente afetivo e correlações negativas baixas com EB introversivo, Cor cromática, CDI, Sombreado Difuso e Movimento Inanimado.
- Dadas as circunstâncias, as pesquisas na área da inteligência emocional tornam-se relevantes, pois podem contribuir com novas informações empíricas, ajudando a dirimir dúvidas sobre esse suposto novo

construto. O presente estudo pretende buscar evidências de validade para o MSCEIT, embasadas na relação com outras variáveis medindo construtos correlatos (APA, AERA, NCME, 1999) utilizando o Método das Manchas de Tinta do Rorschach, que avalia o funcionamento da personalidade, buscando dados que indique o quanto esses dois construtos estão relacionados ou, por outro lado, são distintos.

MÉTODOS

Participantes

Participaram do presente estudo 80 policiais militares, 40 policiais de uma cidade situada no interior e outros 40 da capital do estado de São Paulo. Desses participantes, 78,8% são do sexo masculino. A idade média foi de 30,11, com desvio padrão de 7,40, sendo que a idade mínima foi de 20 anos e a máxima de 47 anos.

Instrumentos

Mayer, Salovey, Caruso Emotional Intelligence Test-MSCEIT v. 2.0 (Mayer, Salovey e Caruso, 2002b). Este instrumento é composto por 141 itens, distribuídos em 8 seções conforme mostra a Tabela 1. As seções A (faces) e E (figuras) são destinadas a avaliação da capacidade de perceber emoções em faces e paisagens, respectivamente; as seções B (facilitação) e F (sensação) são compostas por tarefas relacionadas à utilização da emoção para facilitação do pensamento; a compreensão de emoções é avaliada pelas tarefas propostas nas seções C (transição) e G (mistura); e, finalmente, o gerenciamento das emoções é avaliada por meio das tarefas das seções D (administração de emoções) e H (Relações emocionais). Na Tabela 1 também está demonstrado os diferentes níveis de combinação dos subtestes para se obterem escores para quatro facetas, duas áreas ou um escore geral. Nesse estudo utilizamos os escores nos subtestes. A precisão desses subtestes realizada neste estudo por meio do alfa de Cronbach apresentou os seguintes índices: Faces 0,77, Figuras 0,82, Facilitação 0,62, Sensação 0,76, Transição 0,48, Mistura 0,45, Administração das emoções 0,79 e Relações emocionais 0,58.

O método adotado para pontuação foi o da atribuição de pontos proporcionais à concordância com o consenso. Segundo este critério o sujeito recebe pontos proporcionalmente ao número de pessoas que escolheu a mesma alternativa que ele. Assim, se o sujeito escolheu uma alternativa junto com 80% da amostra, então sua pontuação naquele item é de 0,80. Os sujeitos obtiveram um escore em cada subteste: faces, figuras, facilitação, sensações, transição, misturas, administração das emoções e relações emocionais.

TABELA 1
Organização dos subtestes do MSCEIT.

Escala Geral	Área	Faceta	Subteste	Seção
Inteligência Emocional	Experiencial (IEE)	Percepção das emoções	Faces	A
			Figuras	E
		Facilitação do pensamento	Facilitação	B
			Sensações	F
	Estratégica (IES)	Compreensão das emoções	Transições	C
			Misturas	G
		Gerenciamento das emoções	Administração de emoções	D
			Relações emocionais	H

Método das Manchas de Tinta do Rorschach – Sistema compreensivo (Exner, 1995). O método do Rorschach é utilizado para avaliar características relativas à organização e ao funcionamento da personalidade. As áreas globais que ele abrange na avaliação são: Processamento cognitivo (como o indivíduo capta as informações exteriores); Mediação (como o indivíduo traduz, percebe a informação captada); Ideação (diz respeito à elaboração da informação captada e traduzida); Afeto (como as emoções interferem no funcionamento mental); Autopercepção (conceitos e atitudes que o indivíduo constrói sobre si e o que faz em relação ao seu autoconhecimento e autoavaliação); Relações interpessoais (necessidades, atitudes, preconceitos e estilos de respostas que o indivíduo mantém nos seus relacionamentos); Índice de controle e tolerância ao estresse (são as habilidades e os recursos disponíveis que o indivíduo possui para atuar de maneira eficaz para si mesmo); Estresse situacional (aponta para algum momento atual de estresse que o indivíduo esteja experienciando) e constelações de indicadores psicopatológicos (são agrupamentos de variáveis que sinalizam indícios de esquizofrenia, depressão, déficit relacional, hipervigilância, estilo obsessivo e suicídio) (Exner e Sendín, 1998).

O Rorschach é composto de dez pranchas que contêm manchas de tintas, nas quais o examinando deve falar com o que se parecem, explicar onde está localizada a figura que observou e que característica do estímulo fez parecer aquilo que viu. Na aplicação também é utilizada uma folha de localização das respostas (Exner, 1995; Exner e Sendín, 1998; Weiner, 2000). Para a análise das classificações do Rorschach foi utilizado o software *Rorschach Interpretation Assistance Program* (RIAP). A precisão das codificações, alcançada por meio da concordância entre avaliadores, em relação às medidas selecionadas para a análise da

presente pesquisa, foram: FC 82,15, CF 58,34, C 50, FC' 85,71, C'F essa variável não ocorreu, C' 50, FY 61,11, YF essa variável não ocorreu, Y essa variável não ocorreu e m 58,34. Os dados da presente pesquisa em relação às variáveis do Rorschach EB extratensivo, EB introversivo, Afr e CDI, não entraram no cálculo da concordância para precisão, pois essas variáveis são derivadas de outras variáveis do Rorschach a partir de fórmulas específicas.

Procedimentos

Primeiramente, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética da Universidade São Francisco. Após a aceitação do comitê, houve o contato com superiores da Polícia Militar dos locais onde os dados da pesquisa foram coletados, para expor a finalidade do estudo.

A segunda etapa consistiu na aplicação coletiva do *Mayer-Salovey-Caruso Emotional Intelligence Test* (MSCEIT) nos policiais participantes. A terceira etapa foi a aplicação individual do método de Rorschach. Com os dados coletados foram feitas as análises da pesquisa. Ressalta-se que as etapas 2 e 3 só ocorreram depois do consentimento dos policiais voluntários participantes da pesquisa e da assinatura do Termo de Consentimento.

Para o método de Rorschach, foi feita uma análise de precisão das classificações feitas nos protocolos dos

sujeitos. Essa precisão foi à cegas, entre avaliadores peritos no método compreensivo do Rorschach. Para isso foram escolhidos aleatoriamente 16 protocolos do Rorschach, já classificados pela autora da presente pesquisa. O passo seguinte foi entregar oito protocolos a um avaliador e outros oito a outro avaliador, sem que eles soubessem da classificação já existente. Após a classificação desses avaliadores, foi feita uma análise de concordância por frequência simples entre as variáveis do Rorschach utilizadas nas hipóteses da presente pesquisa. Como foram dois avaliadores, as análises de concordância foram feitas separadas e depois somadas e divididas por dois. Por exemplo, entre o avaliador 1 e a autora da pesquisa, a variável FC obteve concordância de 64% e entre a autora e o avaliador 2 a concordância foi de 100% então somou-se esses resultados e fez-se a divisão por dois, obtendo assim, a precisão de 82% para a variável FC.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para investigar o quanto de associação há entre inteligência emocional e personalidade foram correlacionados os oitos subtestes da inteligência emocional avaliados pelo MSCEIT com as variáveis do Rorschach elencadas na introdução. Os resultados são apresentados na Tabela 2.

TABELA 2
Correlação entre os subtestes da inteligência emocional e as variáveis do Rorschach.

	<i>Faces</i>	<i>Paisagem</i>	<i>Facilitação</i>	<i>Sensação</i>	<i>Transição</i>	<i>Mistura</i>	<i>Administrar</i>	<i>Relações</i>
FC>CF+C	-0,12	-0,06	-0,41**	-0,13	-0,20	-0,09	-0,11	-0,14
FC	-0,12	-0,07	-0,41**	-0,09	-0,21	0,05	-0,11	0,03
CF	-0,11	0,07	0,00	0,09	-0,06	-0,02	-0,13	0,04
C	0,17	0,11	0,07	0,10	0,01	0,07	0,10	0,17
FC'	-0,22	0,11	-0,07	0,04	-0,15	0,03	0,09	0,04
C'F	-0,08	0,07	0,02	-0,11	0,07	-0,03	-0,27*	-0,10
C'								
FY	-0,13	-0,07	-0,38**	-0,27*	-0,32**	0,08	-0,01	-0,12
YF								
Y	0,17	0,07	-0,02	-0,08	-0,12	0,01	0,10	-0,07
m	0,06	-0,07	-0,09	-0,07	-0,03	0,05	-0,11	0,05
Nota D	0,10	-0,08	0,13	0,07	0,16	-0,04	-0,18	0,03
Nota D ajustada	0,05	-0,11	0,00	-0,02	0,04	-0,03	-0,23	-0,04
EB extratensivo	0,11	0,17	0,14	0,09	0,13	0,10	0,16	0,20
EB introversivo	0,01	-0,09	0,00	-0,06	0,07	-0,12	0,14	-0,06
CDI	-0,22	-0,10	0,03	-0,11	-0,13	-0,21	-0,06	-0,21
Afr	-0,15	-0,16	0,03	-0,11	-0,24*	-0,21	-0,10	-0,05

* $p < 0,05$; ** $p < 0,01$

Inicialmente serão comentadas as correlações entre os subtestes da inteligência emocional e as variáveis do Rorschach FC>CF+C, Nota D, Nota Dajustada, Afr e EB extratensivo que demonstram a interação entre cognição e afeto de maneira mais adequada. Por meio da Tabela 2, pode-se verificar que apenas algumas correlações foram encontradas, entretanto, as correlações obtidas foram todas negativas e baixas, exceto uma que foi moderada, ou seja, acima de 0,40.

Tais correlações ocorreram entre o subteste Facilitação e as variáveis FC>CF+C ($r=-0,41$, $p=0,01$) e o subteste Transição com a variável Afr ($r=-0,24$, $p=0,05$). A correlação negativa entre Facilitação e FC>CF+C ocorreu em função da variável FC, que também se correlacionou significativamente moderada e negativa com Facilitação. Esse resultado causou surpresa, pois FC indica modulação do afeto, ou seja, um amadurecimento e controle das emoções utilizando a cognição (Sendin e Exner, 1998), e essa modulação do afeto é um pressuposto básico da inteligência emocional, a qual postula que pessoas inteligentes emocionalmente tendem a regular melhor suas emoções com o auxílio do raciocínio. O subteste Facilitação é justamente usado para verificar o quanto as pessoas conseguem raciocinar se beneficiando da influência direta da emoção para facilitar seus processos de pensamento. Para investigar melhor esse dado, fez-se um gráfico da variável FC com os escores da amostra no subteste Facilitação (ver Figura 1).

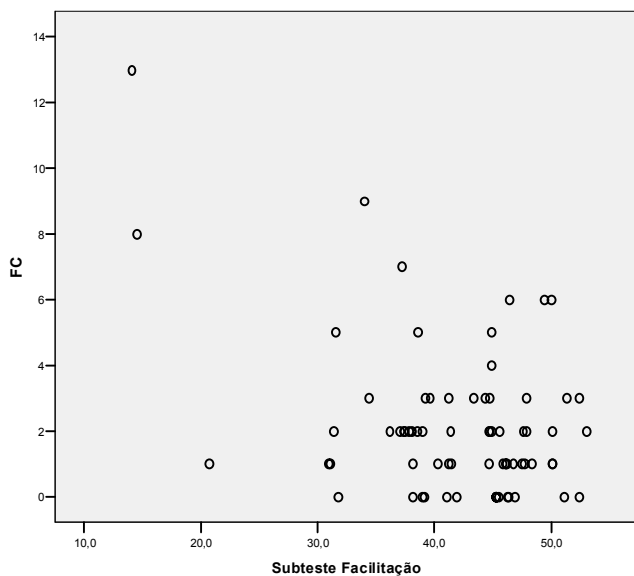


Figura 1 – Diagrama de dispersão entre o subteste Facilitação com escores da variável FC.

Efetuada análises descritivas, pôde-se constatar que a média da variável FC é de 2,25 e do subteste Facilitação de 41,56. Observando-se a Figura 1, veri-

fica-se que alguns indivíduos com capacidade média e alta no subteste Facilitação também estão na média ou acima dela em relação às respostas FC no Rorschach; no entanto, indivíduos com pouca capacidade no subteste Facilitação tendem a emitir um número acima da média de respostas FC. Agora, se a média de FC for verificada de acordo com os dados normativos para a população do estado de São Paulo, que é igual a 1,37 (Nascimento, 2004), fica ainda mais nítido que indivíduos com capacidades médias e altas no subteste Facilitação tendem a emitir respostas FC na média ou um pouco acima, mas os indivíduos com baixa capacidade no subteste Facilitação tendem a dar um número elevado de respostas FC, e por isso a correlação foi negativa. Para visualizar melhor as respostas FC nos indivíduos com capacidade alta e baixa no subteste Facilitação, separaram-se esses indivíduos em dois grupos, um abaixo da média (0) e outro acima da média (1) e o gráfico foi refeito. (Ver Figura 2).

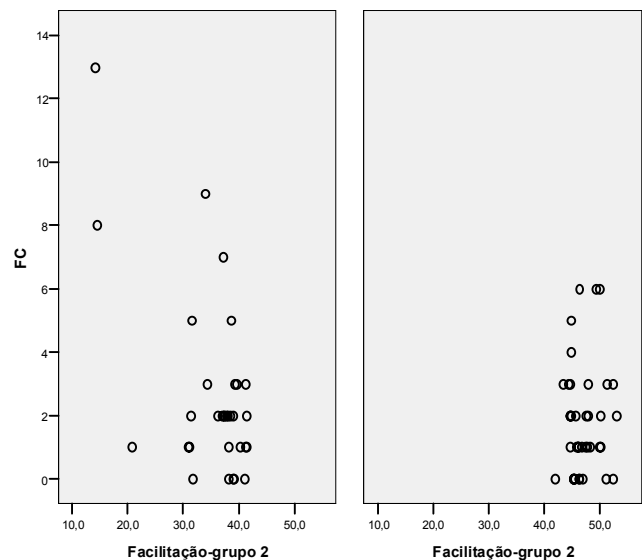


Figura 2 – Diagrama de dispersão entre as variáveis Facilitação e FC nos sujeitos com nota abaixo da média (esquerda) e acima da média (direita).

Ao se recalcularem as correlações Facilitação-FC para esses dois grupos apenas no grupo abaixo da média no subteste Facilitação observou-se um coeficiente significativo ($r=-0,58$, $p=0,01$). Com o grupo acima da média, a correlação foi próxima a zero. Esses resultados parecem indicar que indivíduos com baixos escores no subteste Facilitação apresentam uma modulação afetiva ainda maior, podendo se interpretar que exerçam uma influência intensa da cognição nas emoções. Então, de acordo com essa interpretação, o resultado negativo entre FC e o subteste Facilitação seria mais coerente com as expectativas dos significados

dessas variáveis, porque FC implica a utilização da cognição para modular as emoções. Já o subteste Facilitação sugere o uso das emoções para auxiliar o raciocínio. Assim, pessoas com baixo escore no subteste Facilitação tenderiam a ter um número elevado de FC, pois não estariam tão abertos para que as emoções interferissem de maneira “espontânea” no pensamento.

O subteste Transição correlacionou-se negativamente com Afr. A variável Afr é gerada a partir de uma fórmula que soma as respostas nas três últimas pranchas que são coloridas e divide pelo número de respostas ocorridas nas sete primeiras pranchas, que são acromáticas, verificando se as cores cromáticas estimulam o sujeito a emitir mais respostas. Indivíduos com Afr alto demonstram maior reatividade à estimulação provocada pelas cores, indicando uma maior abertura às emoções. A correlação negativa entre Afr e o subteste Transição que avalia o conhecimento emocional, as mudanças e as evoluções entre uma emoção e outra, indica que indivíduos com escore alto em Transição tendem a não ser tão responsivos às cores e conseqüentemente menos abertos às emoções. Esse resultado parece contraditório, já que se esperava que alta capacidade de inteligência emocional pressuporia uma maior abertura às emoções.

Uma interpretação alternativa poderia ser sugerida considerando que o subteste Transição refere-se apenas ao conhecimento emocional, que é uma capacidade mais ligada à inteligência cristalizada, ou seja, ligada à extensão e profundidade de domínio sobre os conteúdos tratados: o conhecimento sobre emoções. Esse conhecimento não necessariamente decorreria de uma postura mais aberta à estimulação emocional (pressuposto de que o índice Afr de fato mede essa predisposição).

Conforme afirmado antes se esperava encontrar correlações positivas baixas entre inteligência emocional com EB extratensivo, Índices D e D ajustado e a fórmula $FC > CF + C$ e Afr quociente afetivo, pois essas variáveis tendem a apresentarem a interação emoção-cognição de forma mais adequada. No entanto das 64 possibilidades foram encontradas apenas duas correlações significativas, uma baixa, outra moderada, mas em sentidos opostos ao esperado. Esses resultados sugerem que personalidade e inteligência emocional apresentam maior divergência do que convergência. Além disso, sugerem que as interpretações dos subtestes do MSCEIT e eventualmente do Rorschach são mais complexas do que se pensou em um primeiro momento.

Agora serão mencionadas e comentadas as variáveis do Rorschach Cor Acromática (FC', C'F e C'), Introversão (EBperI), Sombreado Difuso (FY, YF e Y),

Movimento Inanimado (m) e CDI que tendem a indicar maior interação entre emoção e cognição de forma inadequada. Por meio da Tabela 2, pode-se observar que apenas duas variáveis do Rorschach se correlacionaram negativamente como previsto com a inteligência emocional. Tais correlações foram obtidas entre o subteste Administração das emoções com a variável C'F ($r = -0,27$, $p = 0,05$), o subteste Facilitação com a variável FY ($r = -0,38$, $p = 0,01$), o subteste Sensação com a variável FY ($r = -0,27$, $p = 0,05$) e o subteste Transição com a variável FY ($r = -0,32$, $p = 0,01$). Todas essas correlações estão de acordo com o esperado pois as variáveis que se correlacionaram indicam menor controle cognitivo sobre as emoções e a presença de sentimentos disfóricos.

O subteste Administração das emoções correlacionou-se negativamente com a variável C'F, que denota menor controle cognitivo sobre as emoções, especialmente aquelas com conteúdos mais negativos. Essas respostas sugerem que tais emoções são contidas pelo indivíduo que não consegue lidar adequadamente com elas para que sejam elaboradas. O subteste Administração avalia a capacidade da pessoa em gerenciar suas emoções de forma adaptativa. A correlação encontrada sugere que indivíduos com baixo escore nesse subteste tendam a apresentar mal-estar interno, pois reprimem emoções de conteúdos negativos e não conseguem administrá-las a fim de expressá-las de forma adequada ou até mesmo trabalhá-las internamente, para que sejam amenizadas, compreendidas, diminuindo assim o sofrimento. O sentido dessa associação negativa está justamente nos mecanismos opostos indicados pelas duas variáveis, uma vez que enquanto uma pressupõe o controle da emoção (Administração) a outra tem em sua base a falta de controle emocional (C'F).

Os subtestes Facilitação e Sensação fazem parte da faceta Facilitação do Pensamento, que significa capacidade de o indivíduo utilizar as emoções para auxiliar o pensamento, ou seja, a capacidade de identificar uma emoção e saber usá-la na resolução de alguma tarefa. Esses subtestes se correlacionaram negativamente com a variável FY, que indica tensão e mal-estar diante de situações externas, bloqueio da capacidade de reagir diante dessas situações. As correlações entre os subtestes Facilitação e Sensação com a variável FY sugerem que indivíduos com baixos escores nesses subtestes apresentam maior dificuldade em lidar com situações que lhes tragam desconforto emocional, enquanto indivíduos com escores altos conseguem enfrentar melhor essas situações. Esse dado parece demonstrar que indivíduos com maior capacidade nesses subtestes se utilizam de emoções que irão auxiliá-los a agirem de maneira mais adequada.

Outro subteste que também se correlacionou negativamente com FY foi Transição, que avalia o conhecimento emocional. Tal correlação sugere que indivíduos com escore baixo em Transição apresentam maior probabilidade de experimentarem tensões e mal-estar diante de situações externas estressantes. Provavelmente, em razão do conhecimento mais escasso sobre as emoções, esses indivíduos podem ter mais problemas para identificar realmente o que sentem, pois a identificação pressupõe o conhecimento das emoções para nomeá-las e entender os encadeamentos comuns entre elas. Como consequência, isso pode dificultar a administração das emoções em situações mais estressantes.

Os resultados encontrados nessa segunda parte da análise confirmam parcialmente a tese de que os subtestes da inteligência emocional apresentariam correlações significativas baixas e negativas com as variáveis do Rorschach Cor Acromática (FC', C'F e C'), EB introversivo, Sombreado Difuso (FY, YF e Y), Movimento Inanimado (m) e CDI. Das 72 possibilidades de correlações hipotetizadas houve apenas quatro correlações indicando baixa associação. Esses dados novamente sustentam que inteligência emocional e personalidade divergem mais do que convergem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo foi desenvolvido com a finalidade de investigar evidências de validade na relação com outras variáveis para o teste de inteligência emocional MSCEIT. O objetivo do trabalho foi verificar evidência de validade por meio de correlações entre testes medindo construtos relacionados. Os dados encontrados sugerem baixa associação já que poucas correlações foram encontradas e de baixa magnitude. Essas evidências mostram que esses dois construtos tendem a ser mais divergentes do que convergentes.

Tais resultados sustentam que o construto de inteligência emocional não se sobrepõe à personalidade, apenas apresenta uma relação que pode ser explicada por mecanismos comuns de funcionamento da personalidade subjacentes aos dois construtos. Essa diferenciação entre inteligência emocional e personalidade já vem sendo constatada em pesquisas anteriores (Brackett e Mayer, 2003; Bueno, 2002; Cobêro, Primi, Muniz, 2006 e Dantas, 2004; Lopes et al., 2004 e Primi, Bueno e Muniz, 2006). Diante disso, a posição que entende a inteligência emocional como um novo nome para traços de personalidade parece cada vez mais enfraquecida, pois pesquisas recentes com o MSCEIT não têm apontado qualquer tipo de convergência entre esses dois construtos. Dessa forma foram encontradas fontes de evidências de validade divergente para o MSCEIT.

Ainda em relação às correlações entre o método de Rorschach e o teste de inteligência emocional, deve-se considerar que a presente pesquisa trabalhou com as variáveis do Rorschach de forma isolada. Seria interessante verificar correlações entre o diagnóstico do funcionamento da personalidade do indivíduo obtido pelo Rorschach e a inteligência emocional. Dessa forma poderia ter a possibilidade de averiguar aspectos mais dinâmicos de personalidade que tenderiam a apresentar maior ou menor capacidade de inteligência emocional.

REFERÊNCIAS

- American Educational Research Association, American Psychological Association, National Council on Measurement in Education (1999). *Standards for Educational and Psychological Testing*. Washington, DC: American Educational Research Association. Disponível On-line em: <http://www.intestcom.org>.
- Bar-On, R. (1997). Bar-On Emotional Quotient Inventory (EQ-i): A test of emotional intelligence. Toronto, Canada: Multi-Health Systems.
- Bedwell, S. (s.d). Emotional intelligence: personality revisited or something else? *Symposium conducted at the Annual meeting of the Society of Industrial and Organizational Psychology*, Orlando FL.
- Brackett, M. A., & Mayer, J. D (2003). Convergent, discriminant and incremental validity of competing measures of emotional intelligence. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 29, 9, 1147-1158.
- Bueno, J. M. H. (2002). *Inteligência emocional: um estudo de validade da capacidade de perceber emoções*. Dissertação de Mestrado. Universidade São Francisco, Itatiba.
- Cattell, R. B., Cattell, A. K. S., & Cattell, H. E. P. (1993). *Questionário 16PF quinta edição*. Rio de Janeiro: CEPA.
- Cobêro, C., Primi, R., & Muniz, M. (2006). Inteligência emocional e desempenho no trabalho: um estudo com MSCEIT, BPR-5 e 16PF. *Paidéia*, 16 (35), 337-348.
- Costa, P. T. Jr., & McCrae, R.R. (1992). NEO-PI-R Professional Manual – Revised NEO Personality Inventory (NEO-PI-R) and NEO Five – Factor Inventory (NEO – FFI). Odessa, FL: Psychological Assessment Resources.
- Dantas, M.A. (2004). *Evidências de validade do Mayer Salovey Caruso Emotional Intelligence Test (MSCEIT)*. Dissertação de Mestrado, Universidade São Francisco, Itatiba.
- Davies, M., Stankov, L., & Roberts, R. D. (1998). Emotional intelligence: in search of an elusive construct. *Journal of Personality and Social Psychology*, 75(4), 989-1015.
- Exner, J. E. (1995). Manual de classificação do Rorschach para o sistema compreensivo. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Exner, J. E., & Sendin, C. (1998). *Manual de interpretação do Rorschach para o sistema compreensivo*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Jesus Jr, A. G. (2004). *Estudo de validade e precisão do Mayer-Salovey-Caruso Emotional Intelligence Test*. Dissertação de Mestrado. Universidade São Francisco, Itatiba.
- Lopes, P. N., Brackett, M. A., Nezlek, J., Schutz, I., & Salovey, P. (2004). Emotional intelligence and social interaction. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 3, 8, 1018-1034.
- Mayer, J. D., Caruso, D. R., Salovey, P. & Sitarenios, G. (2003). Measuring emotional intelligence with the MSCEIT V2.0. *Emotion*, 3, 1, 97-105.

- Mayer, J.D. & Salovey, P. (1993). The intelligence of emotional intelligence. *Intelligence*, 17, 4, 433-442.
- Mayer, J. D., & Salovey, P. (1999). O que é inteligência emocional? In P. Salovey, & D. J. Sluyter (Orgs.), *Inteligência emocional na criança: aplicações na educação e no dia-a-dia* (pp. 15-49). Rio de Janeiro: Campus.
- Mayer, J. D.; Salovey, P., & Caruso D. R. (2002a). Inteligência emocional como zeitgeist, como personalidade e como aptidão mental. In: R. Bar-On & J. D. A. Parker *Manual de inteligência emocional: teoria, desenvolvimento, avaliação e aplicação em casa, na escola e no local de trabalho* (pp. 81-98). Porto Alegre: Artmed Editora.
- Mayer, J. D., Salovey, P., & Caruso, D. (2002b). *Mayer-Salovey-Caruso Emotional Intelligence Test*. Toronto, CA: Multi-Health Systems.
- Mayer, J. D., Salovey, P., Caruso, D., & Sitarenios, (2003). Measuring emotional intelligence with the MSCEIT V 2.0. *Emotion*, 3, 1, 97-105.
- Nascimento, R. S. G. F. (2002). Estudo normativo do sistema compreensivo do Rorschach para a cidade de São Paulo.
- Pervin, L., & John, P. (2004). *Personalidade: teoria e pesquisa*. Porto Alegre: Artmed.
- Primi, R., Bueno, J. M. H., & Muniz, M. (2006). Inteligência emocional: validade convergente e discriminante do MSCEIT com a BPR-5 e o 16PF. *Psicologia Ciência e Profissão*, 26, 1, 26-45.
- Roberts, R. D.; Zeidner, M., & Matthews, G. (2001). Does emotional intelligence meet traditional standards for an intelligence? Some new data and conclusions. *Emotions*, 1, 3, 196-231.
- Salovey, P., & Mayer, J.D. (1990). Emotional intelligence. *Imagination, Cognition and Personality*, 9, 185-221.
- Schutte, N. S, Malouff, J. M, Hall, L. E., Haggerty, D. J., Coper, J.T, Golden, C. T., et al. (1998). Development and validation of a measure of emotional intelligence. *Personality and Individual Differences*, 25, 167-177.
- Weiner, I. B. (2000). *Princípios da interpretação do Rorschach*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Recebido em: ago./2007. Aceito em: mar./2008.

Nota:

O artigo é parte do trabalho de mestrado do primeiro autor, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP.

Autores:

Monalisa Muniz – Doutoranda em Avaliação Psicológica, Universidade São Francisco. Bolsista da FAPESP.

Ricardo Primi – Doutor em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento. Professor titular do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade São Francisco.

Endereço para correspondência:

MONALISA MUNIZ
Universidade São Francisco
Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia
Rua Alexandre Rodrigues Barbosa, 45 – Centro
CEP 13251-900, Itatiba, SP, Brasil
E-mail: mo_nascimento@yahoo.com.br